

## **Celular na Sala de Aula: Desafios e Possibilidades para o Ensino do Telejornalismo<sup>1</sup>**

Mariana Corsetti OSELAME<sup>2</sup>

Leandro OLEGÁRIO dos Santos<sup>3</sup>

Matheus FELIPE da Silva<sup>4</sup>

Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter), Porto Alegre, RS

### **Resumo**

O presente artigo tem como tema o ensino do telejornalismo nos cursos de Graduação em Jornalismo e, como recorte, a utilização do celular como ferramenta de produção de conteúdo em sala de aula. O objetivo desta pesquisa é mapear os desafios e as possibilidades da aplicação da ferramenta ao ambiente de ensino-aprendizagem do telejornalismo. Como objeto de estudo, foram elencadas três disciplinas ministradas entre março de 2016 e julho de 2017 no curso de Jornalismo do Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter). Para isso, adotou-se como estratégia metodológica o estudo de caso. Na fundamentação teórica desta pesquisa, foram utilizados conceitos de Cannito (2010), Castells (2003), Jenkins (2008) e Lage (2011). Preliminarmente este estudo aponta para a pontecialização do uso de celular como ferramenta pedagógica, valorizando a produção de conteúdo informativo para múltiplas telas.

### **Palavras-chave**

Telejornalismo; Ensino do Jornalismo; Celular.

### **Introdução**

Um dos principais pesquisadores do cenário das mídias na atualidade, Henry Jenkins nos dá as boas-vindas ao que ele chama de “cultura de convergência” em seu livro homônimo publicado em 2008. Logo na introdução da obra, ele diz: “Bem-vindo à cultura da convergência, onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (2009, p. 29). A capa da edição brasileira não

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do curso de Jornalismo do Centro Universitário Ritter dos Reis. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS. Ministra a disciplina de Laboratório de TV. E-mail: [mariana\\_oselame@uniritter.edu.br](mailto:mariana_oselame@uniritter.edu.br).

<sup>3</sup> Coordenador do curso de Jornalismo do Centro Universitário Ritter dos Reis. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS. Ministra a disciplina de Escola de Reportagem – TV. E-mail: [leandro\\_olegario@uniritter.edu.br](mailto:leandro_olegario@uniritter.edu.br).

<sup>4</sup> Coordenador de Ensino e Extensão do curso de Jornalismo do Centro Universitário Ritter dos Reis. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras na Uniritter. Ministra a disciplina de Núcleos de Especiais. E-mail: [matheus\\_felipe@uniritter.edu.br](mailto:matheus_felipe@uniritter.edu.br).

poderia ser mais ilustrativa: um celular em primeiro plano, projetado à frente de dezenas de telas que podem ser entendidas, a partir da leitura de Jenkins, como a mídia tradicional. Na versão americana, o celular é substituído por um cabo USB<sup>5</sup>, igualmente sugestivo. Também há edições em que a capa é ilustrada por um ipod<sup>6</sup>, sucesso de vendas em 2008.

Figura 1 – Capas de Cultura da Convergência (JENKINS, 2009)



Esse cenário de convergência de mídia encontra no Brasil um território em expansão, com limites e possibilidades. Divulgada em abril de 2017 pela FGV, a 28ª edição da pesquisa anual de Administração e Uso de Tecnologia de Informação nas Empresas<sup>7</sup> aponta que até o final deste ano o Brasil terá a média de um smartphone por habitante. A estimativa é de que até outubro o número chegue a 208 milhões de aparelhos.

Atualmente, o País tem 198 milhões de celulares em uso, o que representa um crescimento de 17% na comparação com os dados de 2016. Ainda de acordo com a pesquisa, entre notebooks, tablets e desktops, o Brasil tem também 162,8 milhões de computadores em funcionamento – um crescimento de 5% com relação ao levantamento de 2015. E deve chegar até dezembro deste ano a 166 milhões de computadores em uso, incluindo no cálculo cerca de 33 milhões de tablets. O uso e disseminação da tecnologia vem impactado sobremaneira as relações simbólicas e os processos sociais.

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana (JENKINS, 2008, p 30).

<sup>5</sup> Cabo utilizado na transferência de dados para conectar o celular a outros dispositivos.

<sup>6</sup> Aparelho fabricado pela Apple. Tinha o mesmo design de um celular, mas armazenava somente músicas e vídeos. Suas funções foram posteriormente incorporadas às funções do telefone celular.

<sup>7</sup> Disponível em <<http://eaesp.fgvsp.br/ensinoeconhecimento/centros/cia/pesquisa>>. Acesso em: jun. 2017.

Os números relevam, também, a potencialização da sociedade em rede proposta por Castells (2003), tendo como ponto de partida a revolução da tecnologia da informação – as redes de computadores vêm moldando a vida e sendo moldadas por ela.

O processo histórico em que esse desenvolvimento de forças produtivas ocorre assinala as características da tecnologia e seus entrelaçamentos com as relações sociais. Não é diferente no caso da revolução tecnológica atual. Ela originou-se e difundiu-se, não por acaso, em um período histórico da reestruturação global do capitalismo, para o qual foi uma ferramenta básica. Portanto, a nova sociedade emergente desse processo de transformação é capitalista e também informacional, embora apresente variação histórica considerável nos diferentes países, conforme sua história, cultura, instituições e relação específica com o capitalismo global e a tecnologia informacional (CASTELLS, 2003, p 43).

Nessa perspectiva, André Lemos (2009, p. 28) justifica a cultura da mobilidade, entrelaçando questões tecnológicas, sociais e antropológicas. Desse modo, há dois tipos de mobilidade: a informacional e a física. Para ele, a união dessas duas dimensões resulta numa dinâmica complexa entre os espaços público e privado, que produz, entre outros fatores, cultura, sociabilidade e subjetividade. Assim sendo, a era dos dispositivos móveis e portáteis transforma a mobilidade social, cria novos processos de controle informacional, reconfigura as noções de tempo e espaço e reestrutura as dinâmicas entre indivíduo e espaço urbano.

### **Telejornalismo expandido**

O consumo, produção e distribuição de conteúdo televisivo estão entre os elementos mais notáveis dessa transformação da sociedade em rede (CASTELLS, 1999) no cenário de convergência (JENKINS, 2009) em curso. O telejornalismo, por consequência, não escapa desse processo de alteração no modo de fazer notícia. Passamos ao cenário de uma hipertelevisão (SCOLARI, 2004), que propõe como características, entre outras, uma maior interação entre emissor/receptor; articulação com outras mídias interativas; abundância digital com milhares de canais produzidos por anônimos e disponibilizados em servidores como o youtube; a possibilidade de acesso à programação por arquivo (pay per view e video on demand) além do fluxo; incrementos de novos terminais para assistir TV, como telas de computador, tablets, celulares e consoles de videogames; acesso ao conteúdo a qualquer momento e em qualquer lugar. Ao encontro disso, Cannito (2010) destaca que “o fluxo e o ‘ao vivo’ são especificidades da tv, recursos que ela usa com mais eficiência que outras mídias. “(...) já a internet, em oposição à televisão, é um meio

preponderantemente de arquivo (CANNITO, 2010, p. 50). Como sustenta Jenkins (2009), nas mídias tradicionais os receptores eram considerados, muitas vezes, apenas como consumidores passivos, previsíveis, estáveis e até leais a algumas empresas. Agora, devem ser pensados como usuários ativos, migratórios, conectados socialmente e, por isso mesmo, receptores barulhentos.

O grande desafio, agora, são os paradigmas de articulação da TV com as mídias interativas; a interação do produtor com o receptor; a interação do receptor com outros receptores; a adoção de uma linguagem multimídia, transversal e com a colaboração do usuário. A narrativa transmidiática, ainda em compasso de espera, precisa ser experimentada com urgência. O celular já é o principal dispositivo de interação com a internet e outras telas, inclusive nas redes sociais, o que deve ser levado em consideração nos novos produtos audiovisuais (FINGER, 2013, p. 14).

Desse modo, entre a reprodução incessante de conteúdo e o arquivo com o material armazenado à espera de exibição está um novo comportamento da audiência – que também está na universidade, provocando um repensar na prática pedagógica audiovisual em sala do aula, em especial do estudante de jornalismo.

Nesse sentido, a pergunta norteadora deste artigo é: de que modo o uso de celular em sala de aula pode ser uma ferramenta para a construção de conteúdo em disciplinas do curso de Jornalismo dentro de uma cultura de convergência? Para a busca de respostas à luz do ensino superior de Comunicação no Brasil adotamos estratégias metodológicas alicerçadas no estudo de caso. Isso porque a investigação empírica aborda um fenômeno contemporâneo cujas fronteiras ainda não estão claramente definidas. Segundo Yin (2005, p.23), o método possibilita ao pesquisador lidar com uma ampla variedade de evidências, provenientes de análise documental, visitas de campo, entrevistas e observação participativa. “Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo como e por quê” (YIN, 2005, p. 19).

Assim sendo, o objetivo desta pesquisa é mapear os desafios e as possibilidades da aplicação da ferramenta ao ambiente de ensino-aprendizagem do telejornalismo. Como objeto de estudo, foram escolhidas três disciplinas ministradas entre março de 2016 e julho de 2017 no curso de Jornalismo do Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter): Laboratório de TV, Escola de Reportagem V – TV e Escola de Reportagem VII – Núcleo de Especiais.

## Contextualizando o Objeto de Estudo

O Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter) foi fundado em 1971, em Porto Alegre e, em 2010, passou a fazer parte da rede Laureate International Universities<sup>8</sup>. A instituição oferece, atualmente, 37 cursos de graduação e mais de 30 especializações em quatro campi<sup>9</sup> localizados em Porto Alegre e na Região Metropolitana (UNIRITTER, 2017). A Faculdade de Comunicação Social (FACS) foi criada em 2012 a partir do estabelecimento dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda – e foi ampliada, em 2014 e 2017, com a oferta dos cursos de Relações Públicas e de Cinema, respectivamente<sup>10</sup>. A criação da FACS impactou na infraestrutura da UniRitter, que investiu na construção de três laboratórios para atender as demandas acadêmicas geradas pelos cursos: Fotografia, Vídeo, Áudio. Inicialmente eles foram construídos no campus Zona Sul, o primeiro local em que os cursos da FACS foram ofertados; em uma etapa posterior, concluída em julho de 2017, eles passaram a ser oferecidos também no campus FAPA, onde os cursos da Faculdade de Comunicação começaram a funcionar em 2015.

Figura 2 – Estúdio de vídeo no campus Zona Sul



Fonte: UniRitter, 2017

Este estudo tem como objeto três disciplinas do curso de Bacharelado em Jornalismo da UniRitter ministradas entre março de 2016 e julho de 2017: Laboratório de

<sup>8</sup> Multinacional do ramo da educação com sede em Baltimore, nos Estados Unidos.

<sup>9</sup> Zona Sul, Fapa, Exclusivo e Canoas.

<sup>10</sup> Os cursos de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda foram reconhecidos com nota 5 pelo Ministério da Educação (MEC), respectivamente, em 2015-1, 2015-2 e 2017-1. O curso de Cinema, implantado em março de 2017, deverá passar pela avaliação em 2019.

TV, Escola de Reportagem V – TV e Escola de Reportagem VII – Núcleo de Especiais.

As disciplinas que constituem o *corpus* estão assim distribuídas na grade curricular:

Tabela 1 – Grade curricular do curso de Bacharelado em Jornalismo da UniRitter

Semestre	Disciplina	Carga Horária
1	Introdução à Fotografia	4
	Leitura Crítica da Mídia	4
	Escola de Reportagem I	4
	Comunicação Profissional (EAD)	5
	Textualidade Digital	4
2	Semiótica	4
	Jornalismo Cidadão	4
	Assessoria de Comunicação	4
	Escola de Reportagem II – Apuração	4
	História Social das Mídias (EAD)	5
3	Escola de Reportagem – Fotojornalismo	4
	Planejamento Visual para Impresso	4
	Laboratório de Rádio	4
	Assessoria de Imprensa	4
	Escola de Reportagem III – Impresso	4
	Desenvolvimento Humano e Social (EAD)	5
4	Teorias da Comunicação	4
	<b>Laboratório de TV [grifo nosso]</b>	4
	Jornalismo de Dados	4
	Escola de Reportagem IV – Rádio	4
	Desafios Contemporâneos (EAD)	5
5	Eletiva I	4
	Jornalismo Esportivo	4
	Jornalismo Ambiental	4
	<b>Escola de Reportagem V – TV [grifo nosso]</b>	4
	Antropologia e Cultura Brasileira (EAD)	5
6	Jornalismo Investigativo	4
	Teorias do Jornalismo	4
	Informação e Entretenimento	4
	<b>Escola de Reportagem VII – Núcleo de Especiais [grifo nosso]</b>	4
	Escola de Reportagem VI – Revista	4
	Metodologia Científica (EAD)	5
7	Jornalismo Econômico	4
	Projeto de Pesquisa em Jornalismo	4
	Estágio Supervisionado	14
	Projeto Integrador I	2
	Ética e Legislação em Comunicação (EAD)	5
8	Eletiva II	4
	Tópicos Especiais em Jornalismo	4
	Jornalismo Político e Internacional	4
	Trabalho de Conclusão de Curso	8
	Empreendedorismo (EAD)	5

Na tabela é possível aferir que a disciplina de Laboratório de TV é a primeira das três a ser ministrada, no quarto semestre do curso. Ela é pré-requisito para a disciplina



Escola de Reportagem V – TV, oferecida no quinto semestre, que por sua vez é pré-requisito para Escola de Reportagem VII – Núcleo de Especiais, do sexto semestre.

Tem-se, portanto, que o aluno trabalha com telejornalismo, de forma contínua, durante três semestres. Nesse período, o grau de complexidade do conteúdo e de envolvimento do estudante nos produtos audiovisuais criados aumenta gradativamente.

É o que pode ser observado a partir da leitura das ementas de cada disciplina:

Tabela 2 – Ementas das Disciplinas

Semestre	Disciplina	Ementa
4	Laboratório de TV	Texto jornalístico para TV. Reportagem televisiva: características, linguagens e técnica. Técnicas de reportagem. A relação entre texto, som e imagem, redação e edição de textos. Análise teórica e prática do noticiário de TV.
5	Escola de Reportagem V – TV	O processo de produção e execução do telejornal e as funções dos membros da equipe. Edição de som e imagens em telejornais. Experimentação nas diferentes etapas de produção. Os processos de produção e pós-produção de conteúdo. A TV no paradigma de convergência midiática.
6	Escola de Reportagem VII – Núcleo de Especiais	A grande reportagem na TV, no rádio ou na internet. As representações e os diferentes discursos: expositivo, interativo, observação e reflexivo. O processo de produção e elaboração das séries. A linguagem audiovisual. Técnicas e formatos de grandes reportagens.

As três disciplinas que constituem o objeto desta pesquisa são de caráter presencial, prático e experimental – portanto, elas não oferecem ao aluno chance de recuperação da nota<sup>11</sup> por meio da realização de uma prova teórica, ao fim do semestre, caso ele não tenha atingido a média estabelecida pela instituição. Nesse sentido, espera-se do aluno o máximo de envolvimento ao longo dos 19 encontros realizados durante o semestre.

### Uso do Celular em Laboratório de TV

A disciplina de Laboratório de TV tem como objetivo apresentar os primeiros conceitos sobre a produção audiovisual no jornalismo. Ministrada pela professora Mariana Oselame, ela é, para muitos estudantes, o primeiro contato com o telejornalismo:

O aluno chega à disciplina, muitas vezes, sem nunca ter assistido à íntegra de um telejornal. Quando percebi isso, depois de alguns semestres ministrando a

<sup>11</sup> Nas disciplinas que não são consideradas práticas, a média final é formada por duas notas: Grau A + Grau B. Ao final do semestre, caso o aluno não tenha atingido 6,0, ele é encaminhado para uma prova de recuperação (Grau C). Nas disciplinas práticas, a nota é formada ao longo do semestre, por meio de Grau único – que é, posteriormente, o grau final. Se o aluno não atingir a média (6,0), é automaticamente reprovado na disciplina. Para aprovação, além do grau, é necessária a frequência mínima de 75% das aulas.

disciplina, decidi mudar a lógica do processo de ensino-aprendizagem. Em vez de começar com os conceitos básicos e progredir para o produto final, optei por iniciar pela visualização do produto final para então partir em direção aos conceitos. Na prática funcionou assim: durante a primeira etapa da disciplina os alunos assistiram, em aula, à íntegra de pelo menos cinco telejornais diferentes. Apenas após a certeza de que eles haviam captado a essência do produto final é que partimos para os conceitos básicos do telejornalismo. Primeiro a noção do todo, depois as partes (OSELAME, 2017).

Por causa da necessidade desse “nivelamento” inicial, embora contextualize os gêneros jornalísticos e os formatos possíveis de serem produzidos na linguagem audiovisual, a disciplina foca de maneira prioritária apenas um desses formatos – o telejornal. O pressuposto é de que, se apropriando da linguagem do telejornal, o aluno reunirá as condições essenciais para migrar para outros formatos. Dessa forma, partindo do todo em direção às partes, como afirma Oselame (2017), a disciplina se desenrola em quatro eixos fundamentais: 1) abordagem teórica do processo de produção de uma notícia de televisão (etapas desse processo; quem são os profissionais envolvidos; o que cada profissional faz; qual é a rotina de uma redação de TV); 2) abordagem prática da produção de uma pauta; 3) abordagem teórica da produção dos textos de um telejornal (cabeça<sup>12</sup>, VT<sup>13</sup>, a seguir<sup>14</sup>, etc); 4) experiência (gravação de stand-up<sup>15</sup>; gravação de piloto de telejornal em estúdio; produção de um VT produzido exclusivamente com celular).

É neste último eixo – experiência – que reside a utilização do telefone celular como ferramenta de produção de conteúdo e de apoio ao processo de ensino-aprendizagem em telejornalismo. Após a realização de alguns testes em semestres anteriores, Oselame explica que decidiu “assumir” a utilização do celular na disciplina, em março de 2017, por entender que ela seria fundamental para o entendimento do processo de produção.

Observei que era difícil, para eles, enxergar na prática o que estavam aprendendo na teoria. Decidi, então, apostar no celular como ferramenta de captação de imagens de apoio, sonoras<sup>16</sup> e passagens<sup>17</sup> – além de ferramenta de edição e finalização dos VTS. Eles foram divididos em grupos de três alunos – um produtor, um repórter e um editor de texto – e foram briefados para produzir um VT com tema livre que incluísse ao menos três offs, uma passagem e duas sonoras. Após o briefing, eles saíram pelo campus, em horário de aula, para captar o conteúdo. (OSELAME, 2017).

A atividade se desenvolveu em três momentos, conforme a tabela seguinte.

<sup>12</sup> Lida pelo apresentador para “chamar” uma matéria (N.A.).

<sup>13</sup> Termo utilizado para se referir à matéria de um telejornal (N.A.).

<sup>14</sup> Texto que encerra um bloco de notícias e “chama” o telespectador para o bloco seguinte (N.A.).

<sup>15</sup> No telejornalismo, é quando “o repórter faz uma gravação no local do acontecimento para transmitir informações do fato” (PASTERNOSTRO, 2006, p. 221).

<sup>16</sup> Fala dos entrevistados em uma matéria de televisão (N.A.).

<sup>17</sup> Boletim do repórter no contexto de uma matéria de televisão (N.A.).



Tabela 3 – Produção de VT com celular em Laboratório de TV

<b>Dia</b>	<b>Atividades</b>	<b>Envolvidos<sup>18</sup></b>
1	Definição da pauta; captação de imagens de apoio; gravação das sonoras e da passagem do repórter.	Alunos nos papéis de produtor, repórter e editor de texto.
2	Decupagem das imagens e sonoras captadas na aula anterior (produtor); produção do texto (repórter); revisão do texto (editor de texto); redação do roteiro de edição.	Alunos nos papéis de produtor, repórter e editor de texto.
3	Edição de imagens.	Alunos nos papéis de produtor, repórter e editor de texto; técnico do Laboratório de Vídeo <sup>19</sup> .

O resultado a atividade realizada na disciplina pode ser conferido no YouTube<sup>20</sup>.

### Uso do Celular em Escola de Reportagem V – TV

A disciplina de Escola de Reportagem V – TV é a segunda experiência imersiva em telejornalismo, prevista no V semestre do componente curricular do aluno.

Apesar de vivermos uma atmosfera de produção e consumo audiovisual, percebo nos primeiros encontros com os alunos matriculados na disciplina que ainda faltam métricas para diferenciar técnicas de qualidade. Além disso, outro aspecto que é sempre instigante na prática docente são os alunos que demonstram desgosto pelo telejornalismo e temor de estar diante das câmeras. Não existe receita para ambientá-los nesse novo universo que abre diante de seus olhos chamado telejornalismo. A única certeza é de que todos precisarão enfrentar seus medos para saírem diferentes do que quando ingressaram na disciplina (OLEGÁRIO, 2017).

Um dos seus principais desafios é apresentar, sistematizar e executar o processo de produção e execução de produtos informativos televisivos. Para isso, são realizados dois produtos: Drops e Unitj. O primeiro é um programa de entrevista com 10 minutos de duração realizado no formato ‘ao vivo’, admitindo erros eventuais, no estúdio do laboratório de vídeo e com participação também ‘ao vivo’ de um repórter na área externa do campus. Cada grupo, em média com cinco alunos, deve escolher uma temática e

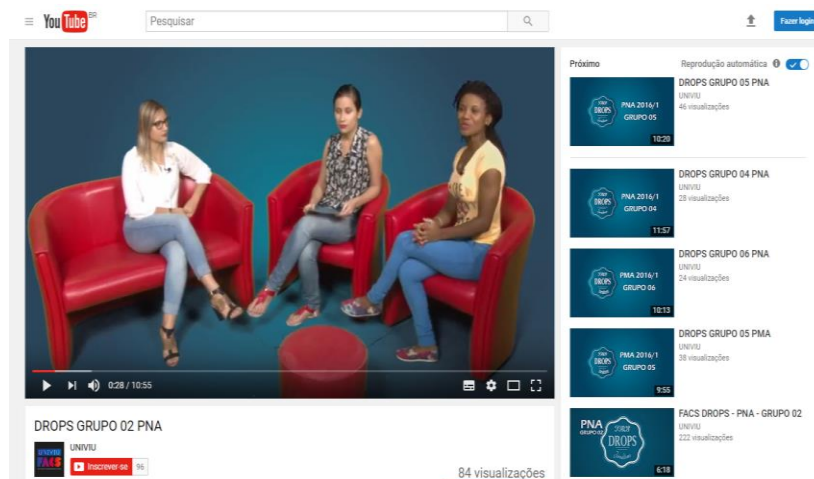
<sup>18</sup> Embora cada aluno estivesse desempenhando um papel específico nos diferentes momentos do processo de produção do VT, foi solicitado que todos integrantes do grupo acompanhassem todas as etapas, para assim garantir uma visão mais ampla sobre o produto final.

<sup>19</sup> A atividade originalmente previa que a edição dos VTs fosse feita pelos alunos a partir da utilização dos celulares. Em virtude da necessidade de conclusão do semestre, no entanto, foi solicitado o apoio de um técnico do Laboratório de Vídeo para agilizar o processo de edição. Os alunos participaram integralmente da edição de imagens, ao lado do técnico, observando como era feita a montagem do VT na ilha de edição.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLP-KIXEvzfx5Ku9aDnTIYrpmQrTpoCgw4>.

produzir um a dois entrevistados. Os programas são disponibilizados no Univiu FACS<sup>21</sup>, repositório de vídeos de comunicação.

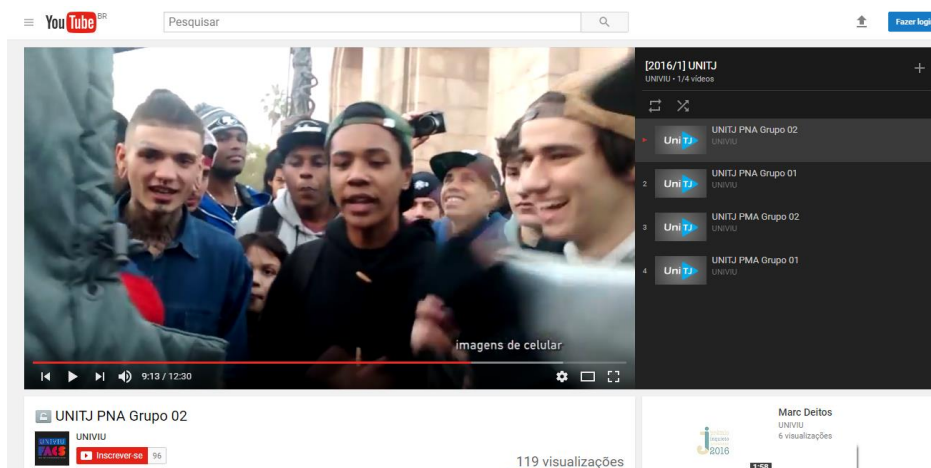
Figura 3 – Programa Drops 2016/1



Fonte: Univiu FACS/Youtube, 2017

Já o UniTJ é um telejornal com 15 minutos de duração, dividido em três blocos.

Figura 4 – Programa Unitj 2016/1



Fonte: Univiu FACS/Youtube, 2017

<sup>21</sup> Univiu FACS. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/univiutv/about>>. Acesso em: 02.07.17.

Nesse programa existe a obrigatoriedade de, pelo menos, uma reportagem construída com o uso do celular – o que pode ser ampliado dependendo do interesse/disponibilidade dos grupos.

O celular é visto como um aliado na produção das reportagens. Por vezes, os alunos viajam durante os feriados no semestre. E sempre estimulo a fazerem registros de suas experiências. Tive um caso de um aluno que foi para Liverpool, na Inglaterra, e outro que foi para Nova Iorque, Estados Unidos, e fizeram reportagens com o uso de celular e foram utilizadas no Unitj (OLEGÁRIO, 2017).

Antes da realização dos programas, os alunos participam de aulas em que a centralidade da produção de conteúdo passa pelo uso de celular. Uma delas é aula número 03, que aborda o conceito de introdução à reportagem com celular e que, ao final, os alunos são desafiados a fazer uma nota coberta ou stand up, entre 20” e 30”, no campus.

Depois o conteúdo é avaliado em aula, com *feedback* aos estudantes. Por fim, a disciplina tem como objetivos a serem desenvolvido ao longo de 19 encontros: realizar reportagem televisiva; produzir de programa informativo e desempenhar rotinas e funções jornalísticas. E esperamos que esse percurso, permeado por teoria e prática em laboratório, possa resultar na compreensão da construção da reportagem televisiva e do domínio da construção/execução da pauta, reportagem e edição, além da reflexão ética do fazer jornalístico na televisão no cenário de convergência.

### **Uso do Celular em Escola de Reportagem VII – Núcleo de Especiais**

A disciplina de Núcleos de Especiais tem como objetivo proporcionar e desafiar o aluno a desenvolver grandes reportagens. Ela é entendida como um conteúdo de fôlego, como sustenta Lage:

A reportagem visa atender a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual e colocar para o receptor uma compreensão de maior alcance, objetivo melhor atingido na prática da grande-reportagem, que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto e oferece ao seu autor uma dose ponderável de liberdade para superar os padrões e fórmulas convencionais do tratamento da notícia (LAGE, 2011, p. 31).

Ao transformar a sala de aula em uma redação simulada pretendemos proporcionar o ambiente mais próximo da realidade de uma equipe de núcleos de especiais de uma grande emissora, valorizando assim a experiência e a vivência do aluno. A disciplina ministrada pelo professor Matheus Felipe tem como principal desafio

resgatar os conceitos aprendidos nas disciplinas de Laboratório de TV e Escola de Reportagem V – TV e estimular os alunos a desenvolver a grande reportagem.

Nas outras disciplinas os alunos aprendem as técnicas específicas do telejornalismo e da produção de programas. Eles chegam a fazer reportagem, mas não desenvolvem um conteúdo em profundidade. Após trabalhar os conceitos de grande reportagem, fazemos seminários com exemplos de reportagens especiais. Percebe-se claramente que o estudo analítico dos produtos ajuda os discentes na compreensão das técnicas estudadas. Além de resgatar o aprendizado anterior, eles percebem os próximos caminhos que podem ser seguidos com a narrativa em profundidade (FELIPE, 2017).

O debate propicia um aprendizado amplo das diferentes formas de narrativa em profundidade no formato audiovisual. A trilha proposta na disciplina pretende permear os alunos na compreensão das técnicas de reportagens especiais, no domínio da linguagem audiovisual e textual das grandes reportagens, na compreensão dos critérios de noticiabilidade e valor-notícia, na percepção da estrutura das reportagens e na visão geral do processo de produção.

No geral o aluno tem muita dificuldade de desempenhar trabalhos em grupo. Essa fragilidade impacta diretamente na empregabilidade. Neste contexto a disciplina propõe desde o início o trabalho em conjunto. Por isso a necessidade de explicar e mostrar que uma grande reportagem necessariamente é feita e desenvolvida por várias mãos. Outro ponto que conseguimos identificar com o ritmo de trabalho proposto é a falta de percepção da importância da rotina de produção de uma grande reportagem. A maioria dos alunos, até então, não consegue enxergar que uma reportagem especial só se realizará se tiver uma produção bem feita (FELIPE, 2017).

Sendo assim, o avanço pedagógico passa pela compreensão da importância da produção no trabalho jornalístico. O primeiro passo é a sugestão de pauta ancorada nos critérios de noticiabilidade e valor-notícia. Os alunos têm a liberdade para sugerir os temas, mas os assuntos precisam passar pelo crivo do professor orientador. Neste semestre, 2017/01, as duas turmas, manhã e noite, no total de 50 alunos, apresentaram 10 reportagens. Todas trouxeram assuntos de interesse público balizados pela responsabilidade social.

Seguindo na sequência de tarefas nos deparamos com a gravação de todo material produzido e planejado pelos grupos. E é justamente aqui que os alunos encontram as maiores dificuldades. A carência de domínio técnico de equipamento profissional por parte dos alunos deixa essa tarefa ainda mais audaciosa. Percebendo este imbróglio optamos por flexibilizar o uso do celular também na disciplina de Núcleos Especiais, como forma de experiência.

Para que a medida não prejudicasse a qualidade dos trabalhos nós optamos por fazer uma oficina apresentando técnicas de uso do celular na gravação dos

vídeos. Apesar de ser um aparelho muito comum entre os jovens percebemos que muitos tinham dificuldades na elaboração dos vídeos. Além da imagem, também demonstramos a importância de perceber a qualidade do áudio. Mesmo com o avanço tecnológico os microfones dos aparelhos celulares ainda não oferecem uma qualidade satisfatória (FELIPE, 2017).

O aprimoramento da técnica do uso do celular deixou os alunos mais confiantes e independentes na elaboração das grandes reportagens. Como exemplo apresentamos o grupo que resolveu fazer uma reportagem especial sobre o futuro da educação no país. Uma integrante da equipe tinha uma câmera Canon T5i e, por isso, quase toda a reportagem, de 28 minutos, foi feita com o equipamento. Mas durante uma gravação em uma escola a bateria da câmera fotográfica acabou e o grupo recorreu ao celular para não perder o dia de externa. Foi a oportunidade perfeita para colocar em prática o aprendizado de sala de aula e para experimentar o uso do celular enquanto ferramenta jornalística.

Além de fazer imagens de apoio para a reportagem, os alunos também entrevistaram a diretora da escola usando o aparelho celular, como mostram as figuras.

Figura 5 – Imagem captada com celular



Fonte: Reprodução/Reportagem

Figura 6 – Imagem captada com celular



Fonte: Reprodução/Reportagem

Figura 7 – Sonora captada com celular



Fonte: Reprodução/Reportagem

Assim como o grupo que produziu as imagens acima reproduzidas, outras equipes também usaram o celular em gravações. Quase todos atingiram a qualidade técnica necessária para a veiculação. Todos os trabalhos que ficaram com avaliação superior a nove foram encaminhados para uma segunda avaliação da coordenação do curso de jornalismo. Depois de aprovadas as reportagens são publicadas no canal Univiu Facs.

### **Considerações Finais**

Em um cenário de convergência de mídias que exige o domínio amplo das ferramentas de produção de conteúdo nos parece fundamental sustentar, em sala de aula, o estímulo à utilização do celular. Essa atitude proporciona a independência e a autonomia do aluno perante o fazer jornalístico. Além disso, reforça os conceitos teóricos e propicia o entedimento, na prática, dos procesos de produção, edição e construção audiovisual.

Este estudo não desconsidera a relevância do uso de câmeras profissionais, que garantem a captação de detalhes que não estão ao alcance do celular. Além disso, não é o objetivo desta pesquisa desprestigiar o trabalho dos repórteres cinematográficos, tão relevantes para a construção de um telejornalismo de qualidade. A utilização de aparelhos celulares não extingue a existência da colaboração de um profissional especializado na captação de imagens – o que nos parece oportuno para ser explorado em futuros trabalhos.

O uso da tecnologia em sala de aula é irreversível. E o telejornalismo, por sua característica, permite a experimentação em dois mundos: virtual, com a captação/gravação, e real, com a interação com a fonte e o ambiente. O celular só faz sentido na ambiência, que coloca o futuro jornalista em contato com cenários a serem explorados e os cinco sentidos a serem traduzidos em offs, sonoras e passagens.



---

## Referências bibliográficas

- ADMINISTRAÇÃO E USO DE TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO NAS EMPRESAS. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <<http://eaesp.fgvsp.br/ensinoeconhecimento/centros/cia/pesquisa>>. Acesso em: 1 jun. 2017.
- CANNITO, Newton. **A Televisão na Era Digital**. São Paulo: Summus, 2010.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede – A Era da Informação**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CENTRO UNIVERSITÁRIO RITTER DOS REIS. Disponível em: [www.uniritter.edu.br](http://www.uniritter.edu.br). Acesso em: 11 jul. 2017.
- FELIPE, Matheus. Entrevista concedida a Mariana Oselame. Porto Alegre, 5 mar. 2017.
- FINGER, Cristiane. **O telejornal em qualquer lugar: uma sondagem sobre a recepção de notícias nos dispositivos portáteis**. Intercom: Manaus, 2013. Disponível: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0840-1.pdf> Acesso em 30 mai.2017.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- LAGE, Nilson. Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 9 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- LEMONS, André. **Cultura da mobilidade**. Revista Famecos, Porto Alegre, nº 40, dez. 2009.
- OLEGÁRIO, Leandro. Entrevista concedida a Matheus Felipe. Porto Alegre, 6 abr. 2017.
- OSELAME, Mariana. Entrevista concedida a Leandro Olegário. Porto Alegre, 10 jun. 2017.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- SCOLARI, Carlos. **Hacer Clic. Hacia una sociosemiótica de las interacciones digitales**. Barcelona: Gedisa, 2004.
- UNIVIU FACS. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/univiutv/about>>. Acesso em: 2 jul. 2017.
- USO DO CELULAR | LABORATÓRIO DE TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLP-KIXEvzfx5Ku9aDnTIYrpmQtTpoCgw4> . Acesso em 11 jul. 2017.
- YIN, Robert K. **Estudo de Casos: Planejamento e Métodos**. São Paulo: Editora Bookman, 2005.